

# O silêncio sagrado

... Em Timor-Leste morre-se a entoar em desespero a Ave-Maria, e a Santa Sé parece desconhecer... O Santo Padre, que já por lá passara em visita discretíssima, guarda um piedoso silêncio em relação a este massacre que abala a opinião internacional e promete possivelmente outras viagens pastorais aos países em rebelião popular. Destituirá talvez mais apóstolos da Teologia da Libertação e pedirá aos revoltosos da fome uma oração comovida.

Mas se a Santa Sé, pela palavra pontifícia ou do «Osservatore Romano», exprime tão grande alheamento em relação aos crimes de Suharto e à tragédia do povo de Timor, vozes há, fiéis e militantemente arrogantes, que se sentem tranquilas perante um tão doloroso silêncio. Não se interrogam nem admitem a interrogação: «A Igreja dispensa lições de moral», diz uma delas, a do padre António Rego. E passa adiante.

Sim, a Igreja não tem que se penitenciar dos crimes da Inquisição nem do colaboracionismo que

prestou à ditadura de Salazar; muito recentemente, dispensa até que lhe lembrem o exílio forçado de monsenhor Costa Lopes, o vigário apostólico em Díli, que veio a morrer na miséria em Lisboa; ou que lhe recordem que foi por diligência do nuncio apostólico em Portugal que não chegaram ao secretário-geral da ONU as cartas de 167 bispos de todo o mundo que apoiavam a realização de um referendo em Timor-Leste. Sim, a moral tem as suas horas adversas.

Acontece porém que nem só da disciplina vive o crente mas também das crises de consciência que lhe dão rigor. E porque assim é ouvem-se vozes, cada vez mais vozes, à margem do silêncio sagrado. Dessas, entre todas chegou-nos a de D. Manuel Martins, clara e com a independência com que sempre tem olhado o mundo dos homens.

Esse brado sereno, creio bem, ainda veio tornar mais gritante o silêncio prudente das hierarquias.

José Cardoso Pires



## A MOSCA